

e, entre esse ano e o de 1829, *O Verdadeiro Independente*, *O Telégrafo Paraense* e *O Brasileiro Fiel à Nação e ao Império*. Só neste último ano surgiria outra oficina tipográfica, a de João Antônio Alvarez. Foi dela que saiu, em 1829 mesmo, o órgão liberal *O Sagitário*. Das lutas entre conservadores e liberais, aprofundadas com o avanço destes na época do Sete de Abril, surgiram *O Correio Oficial Paraense*, dirigido pelo padre Gaspar de Siqueira Queiroz, panfletário atrevido que servia aos conservadores, fixando a sua fúria particularmente em Batista Campos e na *Sentinela Maranhense na Guarita do Pará*, de Clemente Malcher, redigida pelo não menos virulento Vicente Ferreira Lavor Papagaio, cearense que Batista Campos mandara vir a Belém. O clima político da província agravava-se progressiva e rapidamente. Batista Campos, figura típica de agitador e de jornalista liberal, faleceu no último dia do ano de 1834. Ao iniciar-se o ano seguinte, eclodiria a Cabanagem.

Enquanto durou a luta armada, na sucessão de choques de extrema violência, a atividade da imprensa quase desapareceu. As dificuldades observadas no sul para a circulação de jornais repetiram-se no norte, mas em proporções muito maiores: no sul circularam folhas impressas, com irregularidade mas com a continuidade para não deixar desaparecer de todo o mister; no norte, as dificuldades eram agravadas por uma série de fatores e a imprensa dos rebelados só existiu nos intervalos curtos de uma luta extraordinariamente acirrada. Na fase preparatória, a da pregação, sua atividade foi importantíssima, porém. Os conservadores defendiam suas idéias no *Sagitário*, redigido pelo francês Lazier; em *A Opinião*, de que era redator João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha; em *O Despertador*, onde escreviam José Soares de Azevedo, Tenreiro Aranha e Marcos Antônio Rodrigues Martins. Os liberais pregariam as suas no *Orfeu Paraense*, de Batista Campos; no *Publicador Amazonense* de Batista Campos e Silvestre Antunes Pereira; no *Paraguaçu*, dos mesmos cônegos; e na *Sentinela Maranhense na Guarita do Pará*, de Ferreira Lavor. Esmagada a rebelião, em 1836, surgiria, logo no ano seguinte, ali, o Partido Conservador e, avançando este no ritmo do regresso e sobrevivendo o golpe da Maioridade, seria seu órgão, ironicamente, desde 1844, *O Tribuno do Povo*, redigido por Joaquim Mariano de Lemos e Vitório de Figueiredo e Vasconcelos.

A província da Bahia seria também palco de graves episódios ligados à luta entre conservadores e liberais, generalizando-se a agitação em sucessivos choques violentos, desde 1830. A imprensa desempenhou função destacada nesse período: de 1831 a 1837, sessenta periódicos foram editados na Bahia. Como as facções agrupavam-se em clubes políticos, estes tinham os seus órgãos impressos: o da Sociedade Federal era *O Precursor*